

Extratos de León Trotsky sobre as burguesias nacionais, escritos na década de 1930

A seção sul-africana

20 de abril de 1935

A arma histórica para a libertação nacional só pode ser a *luta de classes*. Já em 1924 a Internacional Comunista transformou o programa de libertação nacional dos povos coloniais em uma abstração democrática oca, que está acima da realidade das relações de classe. Na luta contra a opressão nacional as distintas classes se liberam (circunstancialmente) de seus interesses materiais e se convertem em simples forças "anti-imperialistas".

Nem Estado Operário nem Estado Burguês?

25 de novembro de 1937

O regime interno dos países coloniais e semicoloniais tem um caráter predominantemente burguês. Porém, a pressão do imperialismo estrangeiro altera e distorce de tal maneira a estrutura econômica e política destes países que a burguesia nacional (mesmo nos países politicamente independentes da América do Sul) chega apenas parcialmente a altura de uma classe dirigente. É verdade que a pressão do capitalismo nos países atrasados, não muda seu caráter social *básico*, posto que o opressor e o oprimido representam somente níveis de desenvolvimento diferentes na mesma sociedade burguesa. No entanto, a diferença entre a Inglaterra e a Índia, o Japão e a China, Estados Unidos e México é tão grande, que diferenciamos estritamente entre países burgueses opressores e oprimidos e consideramos nosso dever apoiar estes últimos. A burguesia dos países coloniais e semicoloniais é uma classe semi-dirigente, semi-oprimida.

A luta anti-imperialista é a chave da libertação

Uma entrevista com Mateo Fossa

23 de setembro de 1938

(...)

Fossa: O que pode me dizer sobre a luta de libertação dos povos latino-americanos e seus futuros problemas? Qual sua opinião sobre o APRA?¹

Trotsky: Não conheço suficientemente a situação de cada um dos países latino-americanos que me permita uma resposta concreta às questões que você coloca. De toda forma, me parece claro que as tarefas internas destes países não podem resolver-se sem uma luta revolucionária simultânea contra o imperialismo. Os agentes dos Estados Unidos, Inglaterra, França (Lewis, Jouhau, Toledano, os stalinistas) tratam de substituir a luta contra o imperialismo pela luta contra o fascismo. No último congresso contra a guerra e o fascismo fomos testemunhas dos seus esforços criminais neste sentido. Nos países latino-americanos, os agentes do imperialismo "democrático" são especialmente perigosos pois têm mais possibilidades de enganar as massas que os agentes fascistas declarados. Vejamos o exemplo mais simples e óbvio. No Brasil governa atualmente um regime semi-fascista, que qualquer revolucionário só pode considerar com ódio. Suponhamos, no

¹ APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana): fundada em 1924 pelo peruano Haya de la Torre. No seu momento de apogeu, houve movimentos apriistas em Cuba, México, Perú, Chile, Costa Rica, Haiti e Argentina. Foi o primeiro movimento que colocou a necessidade de unificação econômica e política da América Latina contra a dominação imperialista. De caráter populista, seu programa consistia de cinco pontos: ação contra o imperialismo ianque; unidade da América Latina; industrialização e reforma agrária; internacionalização do Canal do Panamá e solidariedade mundial de todos os povos e classes oprimidos. O APRA posteriormente degenerou em um partido reformista liberal, anticomunista e pró-capitalista.

entanto, que amanhã a Inglaterra entra num conflito militar com o Brasil. De que lado se colocará a classe operária neste conflito? Neste caso, eu pessoalmente, estaria junto com o Brasil “fascista” contra a “democrática!” Grã-Bretanha. Porque? Porque não se trataria de um conflito entre a democracia e o fascismo. Se a Inglaterra ganhasse, colocaria a outro fascista no Rio de Janeiro e aprisionaria o Brasil com duplas cadeias. Se, pelo contrário, saísse triunfante o Brasil, a consciência nacional e democrática deste país receberia um poderoso impulso que levaria a derrubada da ditadura de Vargas. Ao mesmo tempo, a derrota da Inglaterra daria um bom golpe no imperialismo britânico e daria um impulso ao movimento revolucionário do proletariado inglês. Realmente, tem que ser muito cabeça oca para reduzir os antagonismos e conflitos militares mundial a luta entre fascismo e democracia. É preciso revelar os exploradores, escravistas e ladrões sob as máscaras que os ocultam!

A indústria nacionalizada e a administração operária

12 de maio de 1939

Nos países industrialmente atrasados o capital estrangeiro joga um papel decisivo. Daí a relativa debilidade da burguesia *nacional* em relação ao proletariado *nacional*. Isto cria condições especiais de poder estatal. O governo gira entre o capital estrangeiro e o nacional, entre a relativamente débil burguesia nacional e o relativamente poderoso proletariado. Isto dá al governo um caráter bonapartista de índole particular. Se eleva, como forma de dizer, por cima das classes. Na realidade, pode governar ou convertendo-se em instrumento do capitalismo estrangeiro e submetendo o proletariado com as cadeias de uma ditadura policial, ou manobrando com o proletariado, chegando inclusive a fazer concessões, ganhando, deste modo, a possibilidade de dispor de certa liberdade em relação aos capitalistas estrangeiros. A atual política [do governo mexicano] se localiza nesta segunda alternativa; suas maiores conquistas são a expropriação das ferrovias e das companhias petroleiras.